

Marx: intérprete da contemporaneidade

MILTON PINHEIRO, MUNIZ FERREIRA E RICARDO MORENO (ORGS.)
Salvador: Quarteto Editora, 2009, 232p.

Pedro Leão da Costa Neto*

A presente coletânea é resultado de um seminário realizado pelo Cemarx da Universidade do Estado da Bahia, em novembro de 2006, na cidade de Alagoinhas, e reúne um conjunto de dez contribuições, que procuram destacar a eminente atualidade da obra de Marx em um momento marcado por uma ofensiva conservadora que procura mais uma vez impingir um “atestado de óbito” ao marxismo.

Mauro Castelo Branco de Moura, em seu texto, procura identificar, no projeto de *Crítica da economia política*, a contribuição específica de Marx à filosofia. O autor desenvolve, primeiramente, um conjunto de críticas às diferentes interpretações da tradição marxista, em particular ao marxismo soviético, para depois analisar a contribuição marxiana propriamente dita, o “projeto de *crítica da economia política*, que acompanhou Marx desde 1844, até a morte, em 1883” (p.17), dedicando uma particular atenção à dialética da mercadoria e ao conceito de fetichismo como aspectos centrais da reflexão do autor de *O capital*.

Em seu artigo, Carlos Zacarias F. de Sena Jr. desenvolve uma análise da Filosofia da História em Marx. Partindo dos conceitos de liberdade e necessidade, procura mostrar como ao longo da história do marxismo (Marx, socialdemocracia alemã e marxismo russo) foram dadas diferentes respostas a esse problema, ora acentuando o papel da vontade, ora destacando a necessidade expressa no processo

* Professor do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

histórico. O autor se detém no significado da contribuição russa (Lênin e Trotsky), identificando, na questão da organização “que representou uma das contribuições mais originais ao marxismo” (p.39) e na teoria da revolução permanente, “a segunda grande contribuição do marxismo russo ao materialismo histórico” (p.40-1), avanços que permitiram a elaboração de uma nova síntese, na qual “a liberdade pôde se insurgir” (p.43). Entretanto, o enunciado a respeito do “Programa de Transição” de Trotsky mereceria maior problematização, pois ali o autor observa: “fundado na expectativa de que os revolucionários deveriam sempre e em todas as circunstâncias seguir lutando pela revolução e pelo socialismo, inclusive evitando a dicotomia entre o programa mínimo e o programa máximo” (p.43).

A terceira contribuição, a mais longa da coletânea, é de Muniz Ferreira, que procura reconstruir, de forma exaustiva, a análise de Marx e Engels das relações internacionais nas décadas de 1840-50. O autor afirma que, após realizarem um “ajuste de contas com as tendências românticas que criticavam a modernidade capitalista e a objetividade histórica da emergência do mercado, Marx e Engels foram adquirindo uma nova percepção da realidade social de seu tempo” (p.62), que se manifestou em uma concepção dialética “na qual os movimentos de constituição da modernidade econômica internacional e (...), a formação da história universal, eram interpretadas como importantes avanços e arcabouço material para a transição da humanidade em direção a formas mais elevadas de sociabilidade” (p.63). Tais passagens permitem situar as críticas endereçadas ao romantismo hegeliano e sua influência nos jovens Marx e Engels, assim como “a adesão apaixonada aos valores avançados pela modernidade ocidental” (p.56). Poderíamos, entretanto, interrogar a parcialidade da reconstrução proposta, dada a total ausência de referência aos textos tardios de Marx (1875-83), nos quais os efeitos perniciosos da modernidade são analisados de forma contundente e indicam um distanciamento decisivo do otimismo anterior.

O trabalho de José Carlos Ruy é uma análise do materialismo moderno e a tradição marxista, desenvolvido a partir das obras de Marx, Engels e Lênin, estabelecendo um diálogo com a ciência do século XX, em particular Niels Bohr, Werner Heisenberg e Erwin Schrödinger, e procurando “superar uma visão do reflexo mecânico” (p.94). É curioso destacar, igualmente, na contribuição de Ruy, a referência e a reprodução de um soneto de Camões, que seria uma antecipação genial a Hegel.

Ricardo Moreira investiga, em estrita relação com as análises surgidas no interior do marxismo, as sucessivas etapas da internacionalização do capital, desde a acumulação primitiva até a sua forma contemporânea, a globalização, “a versão moderna do velho imperialismo”. Poder-se-ia, entretanto, perguntar sobre o acerto da afirmação de que “Kautsky foi, de fato, o principal dirigente da internacional comunista, até ser superado por Lênin, e passou a ser considerado um renegado” (p.100, nota 3).

O texto de Eurelino Coelho é dedicado a interrogar a própria historicidade do marxismo, concebido como visão de mundo crítica e sistemática do proleta-

riado (p.113). Em sua leitura atenta das obras de Marx, Engels, Gramsci, Mandel e Hobsbawm o autor realiza uma reconstrução da constituição do socialismo científico, compreendido como uma ruptura teórica e política com as diferentes manifestações do socialismo pré-marxista.

O trabalho de Sérgio Lessa é uma tentativa de pensar a atualidade de Marx a partir da ideia da possibilidade da revolução, relacionando-a com a solução inovadora, dada por Marx, para o problema da relação entre essência, fenômeno e continuidade. Lessa, depois de reconstruir as diferentes soluções oferecidas ao longo da história da filosofia, defende que a ruptura operada por Marx, retomada e desenvolvida pelo último Lukács, residiria em “conceber a essência humana como radicalmente social e histórica” (p.154). A atualidade de Marx residiria na “demonstração de como os homens são os demiurgos de seus destinos através da sua descoberta da historicidade da essência: este é o fundamento último da possibilidade ontológica da revolução comunista” (p.161).

Antonio Carlos Mazzeo, igualmente influenciado pela tradição lukacsiana, procura mostrar o duplo caráter da reprodução social da vida cotidiana, por um lado, como reprodução circular e tautológica do capital e, por outro, como possibilidade da criação de condições para a superação dessa circularidade (p.167). No interior dessa dialética, o autor desenvolve um conjunto de observações sobre “o partido como mediador entre o espontâneo e teleológico” (p.174-8), procurando problematizar as inúmeras simplificações pelas quais passou esta questão após a vitória de 1917.

A contribuição de Milton B. de Almeida Filho é dedicada à “Visão de mundo e método de conhecimento no materialismo de Karl Marx”, na qual, em estreito diálogo com a reflexão contemporânea, analisa a concepção de Marx e Engels como uma “abordagem materialista da natureza, da sociedade e do ser humano”. Merece ser destacada a discussão do conceito de “modo de vida”, desenvolvida a partir das diferentes contribuições de antropólogos soviéticos e de estudiosos marxistas do campo da saúde de origem cubana e latino-americana.

Por fim, Milton Pinheiro, em sua análise da concepção marxista da crise do capital, parte da afirmação segundo a qual “o capitalismo tem passado por etapas de crise e expansão cada vez mais curtas e constantes. Crises locais, em função da universalização do capital, têm efeitos globais, colocando em risco de solvência os mercados financeiros, com repercussão na produção e no consumo de mercadorias” (p.222) e identifica em particular em sua análise da crise capitalista pós-1987, um provável retorno do capitalismo para o Estado como forma de “solucionar o seu problema orgânico” (p.228).

Um dos traços característicos da coletânea é a sua marcada pluralidade, manifesta nas diferentes concepções teóricas representadas, que, antes de expressar uma contradição, são exemplos de uma positiva diversificação e diálogo entre os investigadores marxistas no Brasil. Pode-se lamentar, entretanto, que em um livro dedicado à atualidade de Marx esteja ausente uma contribuição dedicada ao atual renascimento dos estudos marxistas, a chamada “*Marx-renaissance*”.

NETO, Pedro Leão da Costa. Resenha de: PINHEIRO, Milton; FERREIRA, Muniz; MORENO, Ricardo (Orgs.). Marx: intérprete da contemporaneidade. Salvador, Quarteto Editora, 2009, 232p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.150-152.

Palavras-chave: Marx; Marxismo.